



Maria,

Abro sobre ti o manto negro de uma noite grávida de possibilidades. Ou, se assim melhor o perceberes, permito que teu ser, exausto de um vaguear sem sentido, mergulhe profundamente em noturno oceano de reflexão.

Vejo fluir um cortejo inter-minável de homens e mulheres, num movimento de busca febril, pontuado de alheamento, ganância e ansiedade. É a pantomima do desequilíbrio! No mais das vezes, nem se sabe o que se procura. Todavia, Eu reconheço sua fome de sentido divino, a sede de Propósito, que a todos move. Sei que buscam beber da minha taça.

Compassiva com tua dor, trago-te a bênção e o bálsamo do recolhimento e da introspecção, pois não está fora de ti o que procuras. Vê! Mergulha sem medo nessa noite, sem distrações para teus olhos! Quanto mais consciente fores, melhor sentirás a minha mão a guiar teu ser, na retomada de contato com o teu coração que, enfim, compreende!

Que o sol possa anunciar o dia em que escolhas dedicar frequente e plena atenção a ti mesma, pois será no aconchego desse encontro que poderás descartar ilusões e conseguirás ouvir a Mim. Que não confundas diversão com distração, fuga com recolhimento. Dedicar sagrada atenção ao teu gesto que afugenta ou afaga e, ao fazê-lo, preenche-o com intenção. Que não caias nas armadilhas da atividade compulsiva e que permaneças impecável diante do desafio da inércia e da indiferença, cujo veneno tem o poder de confundir-te a direção.

Por Amor, aguardo que Me descubras. E que, reencontrando-Me, integres sentimento e vontade, convertendo-os em tuas ações mais sinceras e trazendo Luz para toda a tua vida!

Em significado e clareza,
Aquele que é.



Mãe Terra Sucessão natural

Certa vez, fui consultada sobre o avanço agressivo do bambu em um lindo quintal, um lugar desenhado para a contemplação, meditação, oração, ritual. Uma bela touceira de bambu havia sido plantada. O bambu, além de mil utilidades, é planta linda, ornamental. Acontece que começou a brotar bambu por toda parte, em todo o jardim. Ele teimava em surgir do nada, no meio da grama ou do canteiro. Nada havia que se pudesse fazer para impedir a expansão do danado. Cavocou-se todo o jardim para arrancar todas as ramificações subterrâneas. Mas, mesmo assim, ele voltou, pouco tempo depois, a invadir pontos inesperados do jardim. Foi assim que me contaram. Na hora fiquei sem saber o que dizer... afinal, será que o que tinha a dizer seria compreendido?

Porque acredito que o bambu, assim como todas as espécies da natureza, tem seu ciclo a cumprir, sua contribuição a dar, e depois, chega a hora de ir para outro lugar. Cada ser da natureza tem uma função no sistema do qual ela faz parte. Cada espécie da natureza vem para melhorar o lugar de alguma forma e, assim, permitir que outras espécies, melhor adaptadas ao novo ambiente, por sua vez, se estabeleçam com a função de melhorá-lo e também ir embora, e assim por diante. Ernst Gotsch, um de meus mestres, diz que o ser que não cumpre sua função nunca será querido pela natureza. E também, não adianta querer ficar no sistema além do tempo necessário para cumprir a sua função, porque o sistema se transformará de tal forma que não será mais propício à sua presença. É assim que se dá o chamado processo de sucessão na natureza. Nesse processo, as espécies se estabelecem e modificam o ambiente, tornando-o inadequado para si mesma, mas propício para um maior número de espécies, num aumento contínuo na quantidade e qualidade de vida no sistema. Se o sistema fica estagnado porque impedimos que as novas espécies se estabeleçam, a espécie que já cumpriu sua função insiste em ficar ali. Ela se fortalece e pode se tornar indesejada, como é o caso do bambu do início dessa estória. Havia chegado a hora de árvores se estabelecerem e o bambu naturalmente deixaria de invadir o jardim. A sucessão queria acontecer naquele jardim e transformá-lo em floresta, sua vocação natural. Impedir que essa floresta venha, tem um custo. O custo de manter o jardim em sua forma fixa. O custo de cortar a grama, de arrancar tudo o que se estabelece, de aparar tudo... porque a sucessão vai insistir em se estabelecer. Assim é na nossa vida: a sucessão insiste em querer nos levar para o novo, o futuro, o inesperado, a diversidade, a vida... e nós, tantas vezes sabotamos o nosso sistema natural e investimos muita energia para nos mantermos onde estamos. E seria tão fácil simplesmente deixar que a sucessão aconteça na nossa vida... não fazemos tanto esforço para evitarmos o que quer vir e mantermos o que já deveria ter partido...

Helena Maltez.



Edição e Diagramação: Nane Silva
Revisão: Lacy Silva

Informações: Luzia - 81481650; Nane - 96779453; Andrea - 34084065
Web: www.teiadethea.org teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org

Bibliografia: O Anuário da Grande Mãe de Mirella Faur; Imagens da Internet



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Outubro de 2009, nº 120



Inteligência Espiritual

por Edna Paula



"São os valores da inteligência espiritual que devem nortear a nossa busca, aprimoramento e realização como almas." Mirella Faur

Em meados do ano 2000, a física e filósofa norte-americana Danah Zohar, em parceria com o psiquiatra Ian Marshal, publicou o livro "QS - Inteligência Espiritual". O livro fez emergir um novo conceito de inteligência: o "spiritual quotient" ou Quociente Espiritual (QS). Segundo os autores, o QS é a base necessária para que as outras Inteligências (QI e QE) operem de modo eficiente. A Inteligência Espiritual tem um poder de transformação que a diferencia das outras Inteligências, indo além da capacidade intelectual e emocional do indivíduo.

O livro da Dra. Zohar causou um grande impacto também no mundo corporativo que, segundo a própria Zohar, "passa por uma crise de sustentabilidade". O modelo adotado pelo mundo dos negócios, baseado no lucro imediato, gerou uma cultura corporativa desconectada de valores mais profundos. O impacto negativo desse modelo reflete-se tanto na devastação ambiental, resultante de uma exploração predatória dos recursos naturais do planeta, quanto em desequilíbrios físicos e psicológicos nos indivíduos que trabalham ou que de alguma maneira são afetados por este modelo. "Há uma profunda relação entre a crise da sociedade moderna e o baixo desenvolvimento da nossa inteligência espiritual". Dra. Danah Zohar, em entrevista à jornalista Susana Naiditch, Revista Exame, 2001.

Abaixo resumimos alguns tópicos dessa entrevista:

Inteligência espiritual: É uma terceira inteligência, que coloca nossos atos e experiências num contexto mais amplo de sentido e valor, tornando-os mais efetivos. Ter alto quociente espiritual (QS) implica ser capaz de usar o espiritual para ter uma vida mais rica e mais cheia de sentido, adequado senso de finalidade e direção pessoal. O QS aumenta nossos horizontes e nos torna mais criativos. É uma inteligência que nos impulsiona. É com ela que abordamos e solucionamos problemas de sentido e valor. O QS está ligado à necessidade humana de ter propósito na vida. É ele que usamos para desenvolver valores éticos e crenças que vão nortear nossas ações.

Como as pesquisas confirmam as idéias da autora sobre a terceira inteligência: Os cientistas descobriram que temos um "Ponto de Deus" no cérebro,

uma área nos lobos temporais que nos faz buscar um significado e valores para nossas vidas. É uma área ligada à experiência espiritual. Tudo que influencia a inteligência passa pelo cérebro e seus prolongamentos neurais. Um tipo de organização neural permite ao homem realizar um pensamento racional, lógico. Dá a ele seu QI, ou inteligência intelectual. Outro tipo permite realizar o pensamento associativo, afectado por hábitos, reconhecendo de padrões, emotivo. É o responsável pelo QE, ou inteligência emocional. Um terceiro tipo permite o pensamento criativo, capaz de insights, formulador e revogador de regras. É o pensamento com que se formulam e se transformam os tipos anteriores de pensamento. Esse tipo é chamado de QS, ou inteligência espiritual

Diferença entre QE e QS: É o poder transformador. A inteligência emocional me permite julgar em que situação eu me encontro e me comportar apropriadamente dentro dos limites da situação. A inteligência espiritual me permite perguntar se quero estar nessa situação particular. Implica trabalhar com os limites da situação. Daniel Goleman, o teórico do Quociente Emocional, fala das emoções. Inteligência espiritual fala da alma. O quociente espiritual tem a ver com o que algo significa para mim, e não apenas como as coisas afetam minha emoção e como eu reajo a isso. A espiri-tualidade sem-pre esteve pre-sente na his-tória da hu-manidade

No início do século XX, o QI era a medida definitiva da inteligência humana. Somente em meados da década de 90, a descoberta da inteligência emocional mostrou que não bastava o sujeito ser um gênio se não soubesse lidar com as suas emoções. A ciência começa o novo milênio com descobertas que apontam para um terceiro quociente, que nos ajudaria a lidar com questões essenciais e pode ser a chave para uma nova era no mundo dos negócios.

Qualidades comuns às pessoas espiritualmente inteligentes:

- Praticam e estimulam o autoconhecimento profundo
- São levadas por valores. São idealistas
- Têm capacidade de encarar e utilizar a adversidade
- São holísticas
- Celebram a diversidade
- Têm independência
- Perguntam sempre "por quê?"
- Têm capacidade de colocar as coisas num contexto mais amplo
- Têm espontaneidade e,
- Têm compaixão



AGENDA 2009

*31 de outubro: Samhain e Plenilúnio: Celebração das Ancestrais (Valquírias e Disir)

*02 de dezembro: Plenilúnio: Celebração da Deusa artesã japonesa Chi Nu

*21 de dezembro: Comemoração do Solstício: «O Fogo Sagrado da Família» - aberto para homens



Mirella Faur

HAGIA SOPHIA, A SABEDORIA SAGRADA

«..Há milênios fui pelo Senhor criada, no começo de tudo, como Seu primeiro ato criador, antes mesmo da Terra, quando não existia o abismo profundo, nem fontes de água, montanhas, colinas ou campos. Quando Ele estabeleceu os céus Eu estava lá, também quando traçou um círculo na superfície do abismo e firmou a abóbada celeste, quando delimitou as margens dos mares e a fundação da Terra. Eu estava sempre ao seu lado como uma Mestra criadora e parceira, sendo o seu deleite e me alegrando ao lado dele no mundo habitado...»

Livro dos provérbios, 8:22 - 31

Inúmeros textos (“os livros da sabedoria”) da bíblia hebraica descrevem Hokhmah, a Sabedoria feminina, de forma complexa e desafiadora, dando origem a inúmeras interpretações e contradizendo o conhecido monoteísmo judaico. Ela - assim como Yahweh - era invisível e transcendente, sua origem retrocedendo ao “início dos tempos antes da Terra existir”. Mas também era imanente, pois além de consorte de Deus e construtora do universo, ela fazia parte da criação e caminhava no meio da humanidade. A controvérsia gira em torno da sua aparição, vista ora como primeiro ato de criação de Deus, ora como entidade pré-existente, herdeira de Zoé, arquétipo da própria existência. Filósofos modernos argumentam que a Sabedoria representa a ordem oculta do mundo, sendo uma lei cósmica, um



a base dos textos do Velho Testamento, em que a sabedoria aparece como uma árvore com frutos, um manto que envolve e protege, uma figura velada e misteriosa, um símbolo mítico da divindade feminina.

A sua mudança da representação metafórica da sabedoria no judaísmo, personalizada nos textos posteriores (hebraicos, gnósticos, cabalísticos e helenísticos) para Espírito Santo e Logos foi embasada em distorções de palavras e gêneros na língua hebraica e grega. De Hokhmah - palavra feminina em hebraico- chegou-se ao termo grego neutro Hagion Pneuma e ao masculino Logos, depois ao conceito latino e masculino do Spiritus Sanctus, apesar da sua imagem ser a pomba, totem da Deusa Mãe. A transição da sabedoria como atributo da Mãe Deusa até sua transformação no Espírito Santo dos evangelhos gnósticos e cristãos aparece nos Livros

dos provérbios (400 a.C.), Ben Sirach (200 a.C.), Canto de Salomão, Livro de Enoch (100 a.C.). No livro de Ben Sirach “a sabedoria é criada da boca do Altíssimo, que fez sozinho a abóbada celeste, os mares e a terra, e que lhe determinou morar somente em Israel” privando assim o resto da humanidade da qualidade universal da sabedoria. A real fonte da compreensão intelectual, do esforço e da realização foi transformada na Torá, A Lei (os cinco livros de Moisés contendo normas e leis judaicas) que à sua vez passou a ser declarada o receptáculo da própria sabedoria identificada pelo Logos, a palavra. A jornada da sabedoria da Terra para o céu foi descrita desta forma:

A sabedoria tentou fazer sua morada no meio dos filhos dos homens, mas não encontrou lugar para ficar e retornou à sua origem, entre os anjos (Livro de Enoch, 42:1).

Como punição pela perda, os pecadores seriam punidos, as pessoas comuns não mais podiam reverenciar as leis da natureza, que iriam ser interpretadas por mestres, padres e homens de lei, os únicos autorizados para compreender os escritos sagrados. A Torá foi vista como tendo sido escrita pelo próprio Deus, a natureza feminina e universal da sabedoria abolida, o realce dado ao compromisso com a lei de punição e recompensa.

O verdadeiro significado da sabedoria não se perdeu, mas ressurgiu de outra forma, como Sophia, no Livro de Sabedoria de Salomão, escrito em grego no primeiro século a.C. em Alexandria, por autores judeus não tradicionais (com orientação helenística) e com comentários de mulheres de um grupo místico chamado

Therapeutae. Nele a descrição de Sophia (“a qualidade elevada da alma”) é muito semelhante a Hokhmah bíblica, mas com poderes expandidos, como podemos ver nos versos a seguir:

“Ele deu-me o conhecimento de tudo que existe, para compreender a ordem do mundo e a ação dos elementos, o início, meio e final do tempo, a mudança das estações, os ciclos da vida e a posição das estrelas, a natureza dos animais, as espécies das plantas, as virtudes das raízes, as forças dos espíritos e o raciocínio dos homens”. (Livro de Sabedoria do Salomão, 7:17-20).

Sophia se revela uma divindade feminina, atributo de sabedoria da natureza acessível às mulheres, que ficou degradada ao se tornar possessão humana, apenas um veículo para a grandeza masculina e por isso aos poucos desaparecendo. Interpretações posteriores consideram a Sabedoria o Espírito Divino, um atributo radiante e reflexo luminoso de Deus ou o próprio espírito criador (por ter feito o mundo e conhecer suas leis, que compartilha com os seres humanos), a centelha divina presente nos humanos e em toda a natureza. A atividade mental e a capacidade criativa pertencem também às mulheres, permitindo-lhes confiar no seu intelecto e raciocínio lógico. Deus é considerado a fonte do conhecimento cuja origem é a própria sabedoria, contida nas leis naturais e não confinada em um livro bíblico. A sabedoria é definida como: inteligente, sagrada, única, diversa na manifestação, sutil, móvel, clara, pura, singela, bondosa, invulnerável, beneficente, irresistível, perspicaz, humana, firme, segura, livre da ansiedade, poderosa, que vê tudo e permeia os espíritos inteligentes, puros e bondosos. Porém, depois dos capítulos iniciais do livro em que se enumeram as vinte e uma qualidades de Sophia, ela é vista como uma mulher cobiçada pelos homens para aumentar seu próprio poder. A sabedoria tornou-se assim um objeto a ser possuído pelos sábios, garantindo-lhes poder e vitória sobre os inimigos, sucesso nos negócios e felicidade doméstica, perdendo seus aspectos universais e sagrados. Especula-se que os capítulos foram escritos por pessoas em épocas diferentes, mas o mistério não foi resolvido.

Reflexos da Hokhmah hebraica se encontram nos hinos órficos, 80 poemas que honravam várias divindades gregas, atribuídos a Orfeu e usados em rituais entre 300 a.C. e 500 d.C. Independentemente dos seus nomes, as deusas honradas eram manifestações da Grande Mãe, o princípio divino feminino universal, existente e manifestado nas leis da natureza, conhecido como Hokhmah ou Sophia, a Sabedoria, com os mesmos atributos e qualidades citados nos livros hebraicos.

Todavia, a mudança histórica do sagrado feminino para o monoteísmo patriarcal levou aos poucos ao esquecimento e diminuição de status das deusas orientais e gregas, antes cultuadas e honradas. A sabedoria perdeu seu aspecto feminino e telúrico, a mulher foi dissociada da imagem da Deusa e menosprezada como manifestação do pecado e do mal. Espírito e natureza tornaram-se polaridades opostas e simbolizadas pela Sophia celeste e Eva terrestre.

Com o advento do cristianismo o arquétipo feminino foi totalmente eliminado da ligação com o divino, a matéria decretada inferior ao espírito, o atributo de sabedoria associado com Jesus e depois transformado na terceira figura da trindade masculina, o Espírito Santo. A conexão entre Sophia, a Mãe Divina e seu filho Christos (o Messias) é perdida, Jesus nasce como filho de Deus Pai e de Maria (simples mortal) e assume as qualidades de Sophia, a sabedoria passando a ser atributo masculino. Hokhmah hebraica ou Sophia

gnóstica são totalmente negadas como aspectos divinos femininos e jamais é feita alguma menção à sua existência prévia nas escrituras cristãs. A sabedoria é personificada por Jesus como o mediador entre o plano divino e material e cuja missão era salvar as almas e não mais orientá-las para se tornarem “moradas da sabedoria”. Jesus, apesar da sua associação posterior pelo apóstolo Paulo com atributos e títulos de sabedoria, nunca afirmou ser ele a Sabedoria divina. O enfoque passou a ser a salvação, conseguida ao pertencer ao cristianismo, que privou assim a alma da união mística do criador com a criação, separando os processos físicos, mentais e espirituais e levando ao distanciamento do homem da natureza e à inferiorização da mulher.

As seitas gnósticas, que preservaram a associação mítica entre a Deusa e a imagem de Sophia como personificação da sabedoria divina feminina, foram proibidas no ano 326 pelo imperador Constantino. Sophia ou Sapientia (que emerge do mar e de cujos seios jorram o vinho vermelho e branco da iluminação pela união das polaridades) reaparece apenas na Idade Média nas obras de vários filósofos, ordens iniciáticas (Templários, Cátaros, Graal) alquimistas e trovadores. A natureza lunar de Sapientia é representada nas suas duas faces, uma clara, outra escura e que está presente nas figuras das duas Marias, a Mãe (doadora da luz) e a consorte (Madalena, que detém o conhecimento da sabedoria oculta). A igreja ortodoxa preservou por um bom tempo o título grego de Sophia como sendo a sabedoria divina (Hagia Sophia) e lhe dedicou inúmeras igrejas, inclusive a famosa basílica bizantina. Santa Sofia foi uma adaptação da Grande Mãe gnóstica, simbolizada pela pomba de Afrodite e depois transformada no Espírito Santo.

Por ser a natureza desvalorizada na comparação com a salvação e as mulheres sendo a ela associadas, surgiu a doutrina do controle e autoridade masculinas, a dominação do mundo material e a exploração das mulheres, teoria reforçada pela culpa atribuída à mulher pelo pecado original e a origem dos males no mundo. A demonização das mulheres e da natureza enfatizou a supremacia masculina, divina e humana, premissa que incentivou as horrendas e cruéis perseguições da Inquisição na Idade Média.

O que é muito importante para nós mulheres modernas, é lembrar que Hagia Sophia é uma energia divina feminina, mediadora entre o céu e a Terra, que detém e compartilha o conhecimento universal do Logos e da sabedoria ancestral. Ela existe em todas nós, portanto devemos prestar atenção à sua voz e agir de acordo com as leis da natureza, buscando o conhecimento intelectual e honrando nossa inspiração e intuição, para fortalecer a sintonia espiritual. Quanto mais conscientes e responsáveis agirmos na nossa vida, mais poderoso e recompensador será o conhecimento que encontraremos, fruto da árvore da sabedoria e verdade. Resgatando o nosso poder ancestral e a habilidade para criar, poderemos assumir nossa condição inata de Filhas de Sophia, sacerdotisas da dança sagrada da vida e da Terra, artesãs dos nossos sonhos e realizações, reconhecendo e honrando a unidade e a interdependência da luz e escuridão, céu e Terra, silêncio e palavras, razão e intuição, Espírito e matéria.

